Diário de bordo

Tecnologia dá lucro



Roberto Rodrigues*

A AGRICULTURA tem um círculo vicioso perverso: se a atividade tem baixa renda, o produtor não consegue comprar tecnologia; sem tecnologia, a produtividade é baixa; com baixa produtividade, não se gera renda; e assim por diante.

Na história recente, diversos governos brasileiros criaram mecanismos para romper esse processo, seja facilitando o acesso ao crédito rural, que já foi subsidiado, seja garantindo preços mínimos, que cubram pelo menos os custos de produção, seja oferecendo assistência técnica, etc.

E alguns instrumentos foram claramente estimulantes para os produtores incorporarem tecnologia, reduzindo custos e aumentando a produtividade.

Foi assim, por exemplo, nos anos 60 do século passado, quando foi criado o Índice de Produtividade: quem não tivesse uma produção mínima por área, determinada por fórmulas acadêmicas, ficaria sujeito a desapropriação para efeitos de reforma agrária. Isso empurrou os produtores mais capitalizados em busca de tecnologias que aumentassem sua produtividade.

Foi assim, também, com a famosa Cédula G: insumos modernos (fertilizantes, sementes certificadas, máquinas e implementos, vacinas, rações) recomendados pelos institutos de extensão rural e assistência técnica adquiridos pelos produtores tinham seu valor multiplicado por índices diferenciados por insumo, de modo a aumentar as despesas para efeitos de declaração do Imposto de Renda. Esse foi um expressivo período de aumento do uso da tecnologia.

Como resultado desses esforços, a taxa de aumento da nossa produtividade agrícola foi de 3% ao ano nos últimos vinte anos, enquanto a média do mundo foi de 1,1%. E devemos isso a nossos órgãos de pesquisa: a tecnologia "inventou" a moderna agricultura.

A lógica é cristalina: sem tecnologia, não há competitividade, e ponto final.

Pois bem. Boa parte da vasta fronteira agrícola brasileira é composta de solos de baixa qualidade, sobretudo do ponto de vista dos seus nutrientes. São pobres em N, P, K, carecem de matéria orgânica e, portanto, não conseguem reter água; em geral, são ácidos e inférteis. No entanto, nessas mesmas regiões, a agricultura e a pecuária estão avançando, alavancadas por moderna tecnologia. Os níveis de produtividade vão crescendo ano a ano e, mesmo quando as condições de clima são adversas, com secas prolongadas ou simples veranicos em fases críticas dos cultivos, estes resistem e respondem galhardamente às adversidades.

Mas, atenção: ninguém pode acreditar que vai abrir um cerrado com solos de baixa qualidade ou mesmo ocupar uma pastagem degradada com a melhor tecnologia disponível e já conseguir ótima produtividade agrícola no primeiro ano, especialmente se ocorrerem condições adversas de clima, como acontece com frequência em países tropicais como o Brasil. Não é assim: isso demora! É preciso investir com convicção na melhoria físico-químico-biológica do solo. É preciso fazer o plantio direto anos a fio, incorporando matéria orgânica ao solo, ao mesmo tempo em que a correção da acidez é feita com todo esmero e a adubação perfeitamente adequada à demanda da planta. E, só depois de quatro, cinco ou seis anos, é que o fenômeno referido, de resistência à seca, por exemplo, observa-se com clareza. Se chover bem, não se nota diferença se estamos no primeiro ano de plantio ou não. Mas, se a seca ocorre, fica evidente.

Este ano de 2013 foi exemplar nesse aspecto: faltou chuva no oeste da Bahia, no Maranhão e no Piauí. Nestas grandes regiões, alguns produtores conseguiram excelente produtividade, enquanto outros tomaram prejuízos incalculáveis, embora todos tenham usado tecnologia de ponta. A diferença esteve no número de safras de uso do bom padrão técnico: áreas de abertura, do primeiro ano, não responderam da mesma forma que áreas cultivadas há anos.

Em suma, não há dúvida de que tecnologia dá lucro. Mas, é preciso ter paciência, como tudo na agricultura, e esperar pelo resultado positivo, fruto de tecnologia insistentemente utilizada. E, sem ela, não há renda sustentável... ■

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo